

Sarney, José.

# UTI e água benta

14 MAR 1995

JOSÉ SARNEY

As nações, como as pessoas, passam a vida administrando problemas de saúde. É uma pedrinha na vesícula, uma dor de cabeça de vez em quando, é uma unha encravada, às vezes problemas agudos, apendicite, hemorróidas, amígdalas, pressão alta, taquicardia e, quando as coisas vão muito bem, surge um esporão do calcâneo ou um calo no pé.

As vezes, ocorrem problemas graves, infecções agudas, hospitalizações, complicações, pontes de safena, válvulas, a vida é ameaçada e, para mantê-la, usa-se a UTI.

O Brasil tem suas doenças, algumas crônicas, necessitando de remédio permanente, cuidados e regime especial. Tem que andar todo dia, fazer cooper, ioga e tomar aspirina. Mas não está com problemas de UTI.

Senão, vejamos: os principais problemas agudos de um país, que levam a dificuldades extremas, são política cambial, falta de reservas, safra agrícola comprometida por problemas climáticos, catástrofes de grande amplitude, problemas políticos de sustentação, crises militares, ameaças de conflitos externos, caos interno, crise internacional com repercussões nacionais, crise econômica.

Ora, o Brasil neste momento tem grandes reservas internacionais, cerca de 30 bilhões de dólares, tem uma taxa de inflação baixa, menos de dois por cento, não se depara com nenhuma perspectiva de chuvas, neste ano, bom. Não existe nenhuma perspectiva de conflito externo potencial, fronteira com dez países, sem nenhuma questão remanescente a si-

tução internacional altamente favorável, juros baixos, preço de petróleo baixo, dívida externa sob controle e interna em nível de padrões internacionais em relação ao PIB, boa.

Temos um presidente equilibrado (o contrário seria outro fator de desestabilização), com larga experiência política, militância, foi ministro da Fazenda, conhece a economia, foi ministro das Relações Exteriores, tem uma visão internacional dos problemas e da interdependência do país à ordem internacional.

Portanto, o país não está na UTI. Não tem problemas agudos. É um excelente momento. Há paz social, não há desintegração política, não há divisões profundas de natureza religiosa nem de raça.

O Brasil conta como trunfo estrutural ser um grande mercado, já industrializado, ter grandes riquezas naturais e recursos humanos de grande potencialidade.

E um paraíso? Não. Temos problemas graves? Temos. Podemos, se errarmos, entrar de novo na UTI? Podemos.

Remanescem, como disse, os problemas de saúde. E há necessidade de cuidarmos deles. Existe o problema educacional, caótico, porém fator libertário e, hoje, básico para o desenvolvimento, pois implica no domínio do conhecimento. A média chilena de escolarização é de oito anos e sete meses; da Argentina, oito anos e três meses. A brasileira, três anos e três meses, é uma tragédia.

A área de transporte está atrasada 20 anos, não entramos ainda no equacionamento intermodal, criou-se a mentalidade rodoviária e abandonamos o transporte do passado e o do futuro, que é o ferroviário.

A segurança pública marcha para um desfecho extremo. A violência passou a ser endêmica e o caso do

Rio nos mostra uma face de guerra urbana. O país está ameaçado pelo medo de viver e pela falta da paz interna, tão essencial à qualidade de vida.

Os indicadores sociais são dos mais baixos do mundo. Há bolsões de pobreza intoleráveis. Há desníveis regionais que impõem situação de miséria a muitas regiões e o emprego, que é um direito do cidadão, passa a ser um privilégio. A pobreza começa no desemprego. Há níveis de salário incompatíveis com a dignidade das pessoas e uma concentração de renda que não pode continuar.

Há uma estrutura institucional que torna o país ingovernável, baseada nesta Constituição de 88, responsável pelo atraso do país. Mas há uma vontade nacional de superar esse óbice e o Congresso começa a votar as reformas com determinação.

Esta visão geral nos dá confiança, mas nos dá a dimensão dos desafios que nos aguardam, necessitando da visão de Estado, dos nossos dirigentes e políticos. Esta é uma hora que só tem lugar para a grandeza.

De Gaulle dizia que a França era maior que os franceses. Quer dizer, todos nós somados, brasileiros, somos menor que o Brasil. Este é eterno, nós somos passageiros desse privilégio de ter nascido neste grande país, que tem um destino no mundo.

Saimos da UTI. Estamos melhorando. Mas é preciso atenção para os remédios. Estas pilulas dos juros altos têm terríveis efeitos colaterais, bem como as cápsulas da tentação da infalibilidade do tratamento. Humildade e água benta não fazem mal a ninguém.

José Sarney é senador pelo PMDB do Ama-